

## ESTRUTURAS FRÁSICAS COM PREDICAÇÃO RECESSIVA EM PORTUGUÊS

Telmo Correia ARRAIS\*

---

*RESUMO: A recessividade é entendida como um traço que leva a frase a perder um argumento. É proposta uma divisão das construções recessivas, diversa da de Tesnière, além de se considerar uma maior variedade de processos, quais sejam: a recessividade por intransitivização, a recessividade por pronominalização e a recessividade por lexicalização.*

*UNITERMOS: Recessividade; intransitivização; pronominalização; reflexivização; função semântica.*

---

### 1. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

A recessividade pode ser entendida como um traço que leva a frase a perder um argumento, o qual muitas vezes se embute no predicador\*\* (verbo sintético).

O termo recessivo foi introduzido por Tesnière e está sendo aqui aproveitado basicamente na mesma acepção que lhe deu o lingüista francês: "a diátese recessiva diminui em uma unidade o número de actantes" (3, p. 272). Outros termos que esporadicamente designaram tal processo foram *regressivo* e *retroativo*. Tesnière estabelece basicamente três formas de diátese recessiva: a recessiva com marcador reflexivo, a recessiva com marcador passivo e a recessiva com marcador zero (3, p. 272-80). Quanto aos diferentes graus de recessividade, o autor fala em frases trivalentes que se tornam divalentes, frases divalentes que se tornam monovalentes e frases monovalentes que se tornam avalentes (cf. 3, 278-80).

Dos três processos apontados por Tesnière, o de marcador passivo merece algumas observações. Suponhamos as frases em (1):

---

\* Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800 – Araraquara – SP.

\*\* Estamos considerando a existência de uma estrutura profunda na frase, representada em forma de árvore, cujos nós terminais são constituídos de um elemento 'abstrato', tipo verbo, chamado 'predicador', e dos elementos tipo nome relacionados ao verbo, chamados 'argumentos'.

- (1) a. Os operários constroem bem as casas neste país.  
 b. As casas são bem construídas pelos operários neste país.  
 c. Constroem-se bem as casas neste país\*.

A frase (1a) propicia duas outras delas derivadas: (1b), que constitui a chamada “passiva analítica”; e (1c), que constitui a chamada “passiva pronominal ou sintética”. Em (1b) permanecem certamente os mesmos argumentos, enquanto em (1c) houve diminuição de um argumento. De fato, no português moderno, não se constrói a passiva pronominal com “Agente da passiva”. Há, assim, que se fazer a ressalva de que o marcador recessivo nesse caso é o clítico apassivador *se*.

A análise a que vamos proceder considera uma maior variedade de processos, além de partir de uma divisão diversa da de Tesnière. Trataremos primeiramente da recessividade por intransitivização (que envolve a de “marcador zero”, de Tesnière, porém mais ampla), passando depois à recessividade por pronominalização (que envolve as de marcadores reflexivo e passivo, de Tesnière) e, por fim, analisaremos a recessividade por lexicalização (não apontada por Tesnière, corresponde ao encaixe de um argumento no predicador).

## 2. RECESSIVIDADE POR INTRANSITIVAÇÃO

Há que se distinguir aqui, na verdade, dois casos diversos: o primeiro consiste no emprego intransitivo de um verbo comumente transitivo, com o simples “apagamento” ou supressão do termo complemento. Nesse caso, há uma ampliação da significação do verbo, ou melhor, insiste-se mais no processo do que neste ou naquele termo por ele afetado. Vejamos os exemplos:

- (2) a. Meu filho está comendo bem.  
 b. Meu filho está comendo legumes.  
 (3) a. Eu não bebo.  
 b. Eu não bebo cerveja.  
 (4) a. Meu pai fuma.  
 b. Meu pai fuma cachimbo.  
 (5) a. O aluno colou (na prova de matemática).  
 b. O aluno colou a figurinha no álbum.

É de observar, entretanto, que é muito grande nesses verbos (especialmente *comer*, *beber*, *fumar*) o grau de previsibilidade do tipo de lexema que pode aparecer como complemento. Assim, com *comer* pode aparecer qualquer tipo de comida, com *beber*, qualquer tipo de bebida, e assim por diante. Na construção intransitiva – sem complemento, portanto – apenas não se especifica o objeto, daí o alargamento do significado do verbo, que pressupõe todo e qualquer objeto de seu âmbito semântico. Contudo, a observação não é válida para (5a), em oposição a (5b). Com efeito, em (5a)

---

\* Estamos, de propósito, oferecendo um exemplo bem parecido ao dado por Tesnière em latim e francês: *domus in hac regione cito aedificantur*, “*les maisons se bâtissent vite dans ce pays*”.

há outra especificação semântica, diversa da de (5b). A supressão do complemento com *colar* acarreta ao verbo significações também específicas, que podem ter, entretanto, ainda alguma relação com sua significação transitiva básica. Cf. os exemplos abaixo:

- (5) c. Esta goma não cola bem.  
d. Minhas mentiras sempre colam.

O segundo caso consiste no processo a que podemos dar o nome de “derivação decausativa”. Duas diferenças fundamentais devem ser aqui apontadas em relação ao processo anterior: 1ª) o argumento apagado ou suprimido, que aparece na posição de sujeito na estrutura de superfície, é normalmente de relação causal com o verbo (Agente, Causativo ou Instrumento); 2ª) o complemento da frase básica passa a assumir o papel de sujeito na frase intransitiva derivada. Consideremos alguns exemplos:

- (6) a. A árvore dobrava.  
b. O vento dobrava a árvore.
- (7) a. Meu paletó amassou.  
b. A empregada amassou meu paletó.
- (8) a. O portão fechou.  
b. A empregada fechou o portão.  
c. O vento fechou o portão.
- (9) a. O leite derramou.  
b. O garoto derramou o leite.  
c. Uma pancada derramou o leite.

As alíneas *b* e *c* mostram as estruturas básicas dessas frases com verbos de ação-processo. Daí a presença de um argumento causativo na função do sujeito. Entretanto, é próprio da língua exprimir, com esses mesmos verbos, apenas o processo verbal; para tanto, apaga-se o argumento da relação causativa e alça-se o argumento afetado (sobre o qual recai a ação expressa pelo verbo) à posição de sujeito de superfície.

### 3. RECESSIVIDADE POR PRONOMINALIZAÇÃO

Há que se distinguir aqui três formas de pronominalização, determinada pela diminuição de um argumento: a reflexivização, a apassivação e a indeterminação.

3.1. A reflexivização é um mecanismo de que dispõe a língua para estruturar frases em cuja base há dois argumentos co-referenciais. Assim, nas frases abaixo, mal formadas, deve-se entender que os lexemas idênticos se reportam a um mesmo referente.

- (10) a. \* *Pedro feriu Pedro com a faca.*  
 (11) a. \* *A mulher lavou a mulher.*  
 (12) a. \* *O garoto escondeu o garoto dos amigos.*

De fato, a língua rejeita tal tipo de estrutura (embora seja essa, realmente, a estrutura profunda das frases reflexivas daí derivadas). Para a expressão desse tipo de conteúdo semântico, em que dois argumentos – um sujeito e um complemento – têm um mesmo e único referente, o segundo argumento co-referencial é substituído pelo pronome átono correspondente à pessoa do argumento sujeito\*. Daí as frases bem formadas da alínea *b* abaixo, correspondentes às agramaticais da alínea *a*:

- (10) b. *Pedro feriu-se com a faca.*  
 (11) b. *A mulher lavou-se.*  
 (12) b. *O garoto escondeu-se dos amigos.*

Se o argumento sujeito for representado por um pronome reto e o complemento por um nome que se refira ao mesmo referente, também aí se dá a reflexivização do nome complemento, que irá para a mesma pessoa do pronome sujeito. Na frase abaixo, deve entender-se que *eu e Telmo* reportam-se a um mesmo referente:

- (13) a.\* *Eu feri Telmo com uma faca.*  
 b. *Eu me feri com uma faca.*

Dois importantes aspectos devem ser ressaltados a partir da análise destas frases iniciais: primeiramente, a reflexivização não transforma apenas as frases divalentes em monovalentes, como afirma Tesnière\*\*. A esse respeito, os exemplos (10) e (12) são ilustrativos de que as frases podem ter basicamente mais de dois argumentos. O importante é a co-referencialidade entre um complemento e o sujeito.

Em segundo lugar, há de se observar que o argumento sujeito é sempre da categoria dos nomes com o traço /+ animado/, e é só em função da presença desse traço no sujeito (e conseqüentemente também no complemento profundo) que pode dar-se a reflexivização. Observe-se que a frase (10) pode ter o instrumento *a faca* como sujeito, mas nesse caso tal frase nunca poderá ser reflexiva, pois não haverá co-referencialidade entre o sujeito e o complemento. Cf. as frases:

- (10) c. *A faca feriu Pedro.*  
 d. \* *A faca feriu-se.*  
 (14) a. \* *A faca feriu a faca.*  
 b. \* *A faca feriu-se.*

\* Para uma descrição minuciosa de todas as etapas transformacionais de reflexivização, cf. Fauconnier (1, p. 9-88). Fauconnier apresenta o tratamento dado à pronominalização em geral, desde o início do gerativismo, para chegar à sua formação própria para o francês. As diferenças em relação ao português são de pequena monta.

\*\* Cf. as palavras de Tesnière (3, p. 272): "O emprego do reflexivo com valor recessivo se justifica facilmente. É que, à falta de uma forma recessiva sintética, ou simplesmente especializada, a língua apelou naturalmente para a forma pela qual os verbos de dois actantes se aproximam mais dos verbos de um actante. Ora, é evidente que esta forma é a da diátese reflexiva, já que, se esta comporta bem dois actantes, estes dois actantes não representam entretanto mais que uma e mesma pessoa, ou melhor dizendo, é a mesma pessoa que aparece ao mesmo tempo no papel de primeiro actante e no papel de segundo actante. Daí se concebe que, da noção de dois actantes representando uma mesma pessoa, se possa passar facilmente à noção de um só actante.

Mas a explicação correta é que a reflexivização decorre da participação dupla de um referente no processo assinalado pelo verbo. De um lado, ele é o executor ou agente da ação, de outro, o próprio ser afetado por essa mesma ação por ele praticada. Há, assim, um envolvimento completo do indivíduo no processo verbal\*. Sua participação como agente, entretanto, não é necessariamente voluntária ou intencional. Os exemplos em (10b) e (13b) são ambíguos quanto à participação, voluntária ou não, do agente no processo. Daí a dupla possibilidade de interpretação, expressa em (15) e (16):

- (15) a. Pedro feriu-se com a faca intencionalmente.  
 b. Pedro feriu-se com a faca acidentalmente.
- (16) a. Eu me feri com uma faca intencionalmente.  
 b. Eu me feri com uma faca acidentalmente.

Assim, a presença do traço/+ animado/ no argumento sujeito se faz obrigatória por ser ele necessariamente o Agente da ação expressa pelo verbo. Na verdade, o argumento sujeito fica sobrecarregado também por sua relação de termo afetado do mesmo processo por ele desencadeado, exercendo simultaneamente a função semântica de Experienciador ou Objetivo. Se em (10b) Pedro é Agente e Experimentador, em (11b) e (12b) *mulher* e *garoto* são simultaneamente Agentes e Objetivos.

3.2. Já vimos, no início do presente capítulo, que o marcador recessivo na apassivação é o clítico apassivador *se*, ou seja, este tipo de recessividade só desencadeia a chamada “passiva pronominal ou sintética”. É que, diferentemente da chamada “passiva analítica”, a derivação da passiva pronominal leva à supressão do argumento Agente\*\*. Vamos considerar, para um exame mais atento, os seguintes conjuntos de frases:

- (17) a. A imobiliária vende este apartamento.  
 b. Este apartamento é vendido pela imobiliária.  
 c. Vende-se este apartamento.
- (18) a. O jardineiro podou as árvores.  
 b. As árvores foram podadas pelo jardineiro.  
 c. Podaram-se as árvores.
- (19) a. O proprietário tranqüilizou o inquilino.  
 b. O inquilino foi tranqüilizado pelo proprietário.  
 c. Tranqüilizou-se o inquilino.

Em relação a esses três conjuntos de frases, pode-se dizer que as das alíneas *b* e *c* são derivadas das de *a*. Em *b* temos a transformação passiva comum, que en-

---

\* Esse completo envolvimento do sujeito no processo verbal aproxima tal estrutura frásica à voz média do grego.

\*\* Não queremos dizer, com isso, que não possa haver também a supressão ou o apagamento do Agente na passiva analítica. O que estamos realçando é a obrigatoriedade da supressão do Agente na formação da passiva pronominal.

volve o acréscimo do auxiliar *ser*, a topicalização do objeto à função de sujeito, o acréscimo da preposição *por* (*per*) antes do agente etc. Já nas frases da alínea *c*, os procedimentos transformacionais são outros. Primeiramente, dá-se a supressão (ou apagamento) do argumento Agente; segue-se a pronominalização do verbo; como conseqüência, faz-se a subjetivação do primitivo objeto direto; em decorrência disso, faz-se a concordância do verbo com o novo sujeito; por fim, a topicalização de um dos termos da frase, que mais comumente é a do predicador.

Vale observar que essa propensão a topicalizar o predicador leva a uma confusão com o processo de indeterminação do sujeito, que veremos adiante. Se, por um lado, é a concordância com o sujeito posposto que confere a essas estruturas o estatuto de formas passivas, por outro lado, a confusão com o processo de indeterminação leva o falante, muitas vezes, a não realizar a concordância. A frase (18c) é comumente construída como em (18d):

(18) d ? Podou-se as árvores.

A frase (19c), por sua vez, dá margem a uma certa ambigüidade: é que pode ser interpretada tanto como uma frase passiva quanto como uma frase reflexiva. E a possibilidade de interpretação reflexiva será maior se se topicalizar o argumento sujeito, como em (19d):

(19) d. O inquilino tranqüilizou-se.

Essa ambigüidade se deve, certamente, ao fato de o sujeito ser representado por nome da classe dos animados. E a presença desse tipo de sujeito na construção em (19c) deve-se ao fato de o objeto direto da frase básica (19a) ser exatamente um nome da classe dos animados. Em frases passivas desse tipo, por isso mesmo, a topicalização do predicador contribui para reduzir a ambigüidade que fica inteiramente superada se o falante opta pela construção passiva analítica.

De qualquer forma, o que caracteriza semanticamente a construção passiva pronominal é a relação de afetamento do processo no sujeito, o qual tem normalmente a função semântica de Objetivo ou Experienciador.

3.3. Queremos assinalar, enfim, como frases recessivas, as formas de construção impessoal, ou seja, as conhecidas frases de sujeito indeterminado. Da perspectiva semântica, não é difícil explicar esse mecanismo da língua. O falante comunica um fato, sem saber qual o principal ator desse fato – o sujeito – ou, se souber, comunica-o de modo a omiti-lo com determinados propósitos. As frases abaixo exemplificam, nas alíneas *a* e *b*, as duas formas de que dispõe o falante ao ativar esse mecanismo:

(20) a. Falou-se de você na reunião.  
b. Falaram de você na reunião.

(21) a. Duvida-se de tudo aqui.  
b. Duvidam de tudo aqui.

As frases em *a* mostram uma construção com o verbo seguido de um indeterminador *se*, sem qualquer argumento sujeito. Já as frases em *b* mostram um verbo no plural, mas sem qualquer nome ou pronome com o qual o verbo esteja em concordância.

A interpretação é de que alguém falou e alguém duvida, não necessariamente mais de uma pessoa. Pode-se dizer, assim, que a indeterminação em *b* é 0, ou seja, não-marcada.

As frases em (20) e (21), entretanto, podem dar a entender que haja sempre uma dupla possibilidade de opção do falante para expressar uma frase com indeterminação do sujeito. Nada mais fora da realidade. Tomemos, por exemplo, as construções das alíneas *a* e *b* abaixo:

- (22) a. Comentou-se que você abandonou o emprego.
- b. Comentaram que você abandonou o emprego.
- (23) a. Dorme-se bem aqui.
- b. Dormem bem aqui.
- (24) a. Precisa-se de empregados.
- b. Precisam de empregados.
- c. Precisam-se empregados.

De fato, em qualquer desses conjuntos, as frases não constituem alternativas para a expressão de estruturas com indeterminação do sujeito. Em (22a), a construção é passiva pronominal, com o sujeito oracional *que você abandonou o emprego*, derivada de uma frase básica do tipo:

- (22) c. Alguém comentou que você abandonou o emprego.

É, pois, uma construção paralela à passiva analítica:

- (22) d. Foi comentado (por alguém) que você abandonou o emprego.

Assim, tanto em (22a) como em (22d), o sujeito é a oração introduzida por *que*; vale dizer que o sujeito é de função semântica Objetivo. Nem por isso, certamente, (22a) deixa de ser uma frase recessiva, pois lhe falta o argumento Agente (recessiva por apassivação).

Já a estrutura em (22b) é ativa, mas não se exprime o Agente, quer por não se querer identificá-lo, quer por não se saber quem é ele. Aqui, portanto, recessividade por indeterminação.

Em (23), as construções com *dormir* são ambas intransitivas, mas só em (23a) pode-se dizer que há indeterminação do sujeito. A frase (23b) pressupõe alguma referência prévia a nome ou pronome de terceira pessoa do plural, contextual ou situacionalmente determinado. Embora não expresso, subentende-se perfeitamente esse sujeito plural. Não se trata, portanto, de frase recessiva.

As alíneas *a* e *c* de (24) apresentam frases recessivas, mas de natureza diversa. Em (24a), a construção é transitiva indireta e o *se* é indeterminador do sujeito. Assim, o argumento em falta é precisamente o sujeito. Em (24c), a construção é passiva pronominal, o que pressupõe uma regência transitiva direta do verbo na frase básica. O sujeito e, portanto, *empregados* e o argumento em falta traduz uma indeterminação do sujeito na frase básica. Cf. (24d).

- (24) d. ? Precisam empregados.

Já a construção em (24b) é ambígua quanto à determinação do sujeito. Tanto se pode subentender um sujeito contextual ou situacionalmente determinado, ou a omissão propositadamente deliberada do sujeito; neste último caso, construção recessiva por indeterminação.

É possível, assim, caracterizar o tipo de indeterminação em função da transitividade do verbo nesse tipo de frase recessiva. De um modo geral, em construções intransitivas a indeterminação se faz com o indeterminador *se*; em construções transitivas com objeto direto, a indeterminação do sujeito se faz de forma não-marcada, com o verbo em terceira pessoa do plural; em construções transitivas com objeto indireto, tanto a construção marcada como a não-marcada são cabíveis, ressaltando-se que comumente a forma não-marcada (verbo na terceira pessoa do plural) gera certa ambigüidade.

#### 4. RECESSIVIDADE POR LEXICALIZAÇÃO

O processo de recessividade que passamos a descrever compreende a incorporação de um complemento da frase básica no predicador da frase derivada, constituindo um verbo "denominal" (derivado de nome). Dessa forma, fica a frase derivada constituída de um argumento a menos em relação à frase básica, estabelecendo-se uma relação de paráfrase ou sinónmia frásica entre a básica e a derivada. O objetivo deste tópico é descrever esse processo derivacional, de forma a explicar a relação existente entre frases com verbos denominais e as correspondentes frases com decomposição desses verbos em verbo primário e nome. Para dar conta da relativa complexidade e inter-relação das estruturas conceptuais de tais paráfrases frásicas, será importante caracterizá-las em termos do número e da natureza dos papéis semânticos que os argumentos representam com respeito aos predicadores com que se associam.

O ponto de partida, portanto, é que os verbos derivados de nomes mantêm uma relação de paráfrase com verbos mais gerais usados em construções sintáticas mais complexas. Assim, a sintaxe de um verbo denominal pode ser descrita como uma construção-síntese, na qual o aumento da complexidade morfológica e lexical é compensado pela simplificação sintática.

Sem dúvida, com relação a verbos como *tampar*, *enlatar*, *descascar*, *embolorar*, *abençoar*, *desfilar*, *cobiçar*, *abodegar*, comprova-se existir uma intuição, no falante do português, de que tais verbos são semanticamente equivalentes a uma construção que consiste de outro verbo mais um constituinte sintagmático separado: *pôr a tampa*, *pôr em lata*, *tirar a casca*, *criar bolor*, *dar a bênção*, *andar em fila*, *ter cobiça*, *transformar em bodega*.

O reconhecimento intuitivo, pelo falante nativo da língua, de que duas expressões formadas diferentemente são equivalentes quanto ao sentido é visto pelos gerativistas como razão suficiente para admitir que essas expressões têm a mesma representação em estrutura profunda. Para que tais expressões sejam explicitamente relacionadas uma à outra e à sua representação em estrutura profunda, há necessidade de dar



conta de tal relação, devendo ser explicada a similaridade de sentido entre as frases parafrásticas. Enfim, se existe da parte do falante um reconhecimento intuitivo de que conjuntos de construções são virtualmente idênticos quanto ao sentido, esta intuição pode ser tida como correta e significa que tais construções têm uma estrutura subjacente virtualmente idêntica, que precisa ser explicitamente especificada e relacionada a suas manifestações de superfície alternativas.

Uma intuição deste tipo existe com respeito a frases que manifestam ora a estrutura de superfície

a: SN – V – CS – (Y),

ora a estrutura de superfície

b: SN – V<sub>cs</sub> – (Y),

onde CS quer dizer Constituinte Sintagmático e Y refere-se a um outro (ou mais) constituinte(s) da frase.

Comprovem-se os exemplos das frases *a* e *b* a seguir:

(25) a. O garoto *fazia gestos* intencionalmente.

b. O garoto *gesticulava* intencionalmente.

(26) a. O pai *deu a bênção* ao filho.

b. O pai *abençoou* o filho.

(27) a. A mãe estava *tirando a casca* das batatas.

b. A mãe estava *descascando* as batatas.

As frases com o CS embutido no predicador podem ser chamadas sintéticas, enquanto as que aparecem com um Verbo base seguido desse constituinte numa função qualquer podem ser chamadas analíticas.

Embora uma intuição de equivalência semântica não precise ser justificada, podemos fazer um número de observações formais em seu apoio. A descrição que segue tem tal objetivo.

Preliminarmente, cabe a observação de que não há como apontar uma regularidade léxico-morfológica básica para tais fenômenos derivacionais em português. Um mesmo elemento morfológico pode representar caracteristicamente variadas relações derivacionais e, por outro lado, uma mesma relação pode ser tipicamente marcada por múltiplos processos morfológicos. Observe-se, por exemplo, a relação entre *descascar* e *desfilar*, de um lado, e a relação entre *embandeirar* e *abandear*, de outro. Enquanto no primeiro par um mesmo morfema prefixal (*des-*) representa relações derivacionais distintas, no segundo par uma mesma relação derivacional é marcada por dois morfemas prefixais distintos (*em* e *a*). Se acrescentarmos que a presença do elemento prefixal nos verbos denominais não é uma constante e que são vários os morfemas sufixais que podem, além da desinência verbal típica, formar os denominais, teremos um quadro real da variedade derivacional de tais verbos. Entretanto, praticamente em todos os verbos denominais é possível reconhecer lexicalmente a presença deste ou daquele nome de que derivam. Na maioria dos casos, se retirarmos a terminação verbal e repusermos a vogal temática do nome, teremos a forma plena do substantivo de que deriva o verbo. A propósito, lembramos que esta derivação ca-

racteristicamente forma verbos de 1ª classe ou conjugação, sendo tão raros os denominais de outras conjugações (florescer, florir, colorir), que se pode tomar este como um aspecto regular de tais formações.

Não obstante as irregularidades morfológicas acima apontadas, é possível, aparentemente, captar certas regularidades sintáticas nas estruturas das frases com verbos denominais. Além dos exemplos de (25) a (27) acima arrolados, considerem-se também os seguintes:

- (28) a. Os governos passados proveram os córregos de canais.
- b. Os governos passados canalizaram os córregos.
- (29) a. A polícia submeteu os presos à tortura.
- b. A polícia torturou os presos.
- (30) a. O marginal causou a asfixia do garoto.
- b. O marginal asfixiou o garoto.
- (31) a. O humorista fez a caricatura do político.
- b. O humorista caricaturou o político.
- (32) a. O comerciante transformou o armazém em bodega.
- b. O comerciante abodegou o armazém.
- (33) a. O negociante apenas põe o azeite na lata.
- b. O negociante apenas enlata o azeite.
- (34) a. Alguém pôs a tampa na panela.
- b. Alguém tampou a panela.
- (35) a. O mecânico prendeu as duas peças com parafuso.
- b. O mecânico parafusou as duas peças.
- (36) a. A filha do operário está em agonia.
- b. A filha do operário agoniza.

Os verbos da alínea *b*, de (25) a (36), são denominais no sentido de que um de seus nominais subjacentes (cf. as frases da alínea *a*) ocupa a posição de predicador na superfície. Todas as frases da alínea *a*, de (25) a (35), constituem construções transitivas; só a de (36) é copulativa. Também as frases da alínea *b*, de (26) a (35), são todas transitivas, o mesmo não se podendo dizer de (25) e (36), ambas intransitivas e, portanto, impossibilitadas de sofrer transformação passiva. Ora, se as frases da alínea *b*, de (26) a (35), apresentam em comum a seqüência Sujeito-Verbo-Objeto Direto, em oposição às mesmas da alínea *a*, que apresentam sempre um argumento a mais, é fácil observar que esse Objeto Direto das frases sintéticas nem sempre corresponde ao Objeto Direto das frases analíticas. Em outras palavras: os nomes que se encaixam no predicador podem ser de diversas funções e representar diferentes papéis semânticos nas frases analíticas de que derivam.

Para melhor captar a relação do nominal embutido com a função do argumento correspondente na frase analítica, passemos a uma rápida descrição das diversas estruturas das frases parafrásticas. Os exemplos até aqui arrolados permitem observar a presença de um pequeno número de verbos básicos nas frases analíticas e será em função deles que se estabelecerão as funções dos argumentos e seus papéis semânticos. Os verbos mais encontrados são: *fazer*, *dar*, *prover*, *causar*, *transformar*, *pôr*,

*ir, expor, estar*. Há certamente uns poucos mais, e algumas vezes a paráfrase pode ser feita em relação a um ou outro verbo básico, o que muitas vezes complicará a análise. Nos lugares devidos chamaremos a atenção para tais alternativas e os problemas daí decorrentes.

Não resta dúvida, pois, de que os componentes que formam o verbo denominal são diretamente observáveis, ou seja, são explícitos, o que permite facilmente relacioná-lo à correspondente estrutura subjacente, possibilitando depreender as relações existentes entre as partes componentes de tal predicador derivado. É de observar, em função dos exemplos até aqui arrolados, que a grande maioria dessas construções pode ser reduzida à presença do componente *fazer*, só umas poucas correspondendo à presença dos componentes *ser* ou *acontecer*. Em outros termos: a maior parte dessas construções corresponde à presença de um nome Agente como sujeito, enquanto uma minoria é constituída de um nome Experienciador ou Objetivo como sujeito. Além do exemplo (36), que ilustra a presença do componente *ser* e de um Experienciador como sujeito, observem-se as frases abaixo, que ilustram a presença de *acontecer* e de um argumento Objetivo como sujeito.

- (37) a. O pão criou bolor.  
       b. O pão embolorou.  
 (38) a. A nave pousou na lua.  
       b. A nave alunizou.  
 (39) a. O trem saiu dos carris.  
       b. O trem descarrilhou.

De qualquer modo, a condição mínima para que se possa derivar uma frase sintética é que a frase básica apresente pelo menos dois argumentos em sua estrutura, sendo o primeiro deles sujeito, e o segundo, qualquer tipo de complemento. Certamente, se a frase sintética é derivada de uma construção com dois argumentos, ela é intransitiva, ao passo que, se derivada de outra com mais de dois argumentos, ela é transitiva. As frases da alínea *b* em (25) e de (36) a (39) ilustram construções intransitivas, enquanto as demais da alínea *b* são construções sintéticas transitivas.

As construções sintéticas intransitivas apresentam-se sob três feições semânticas características. Um grupo é constituído pelas que se relacionam a uma estrutura básica com os chamados “verbos de criação” (*fazer, criar, produzir, dizer*), originando verbos do tipo *gesticular, batalhar, polemizar, viajar, acarrancar-se; faiscar, borbulhar, chamejar, ramificar-se, florescer, florir, germinar; bravatear, disparatar*. O complemento encaixado é do tipo resultativo, ou seja, um argumento entendido como uma parte do significado desses verbos, com a função semântica de Objetivo\*. Além das frases (25) e (37), sirvam de exemplo também as que seguem:

- (40) a. O avô fez uma carranca.  
       b. O avô acarrancou-se.  
 (41) a. O bêbado só dizia blasfêmias.  
       b. O bêbado só blasfemava.

---

\* Corresponde ao que Fillmore rotula, no ensaio de 1968, como “Caso Factitivo”.

Outro grupo é o constituído pelas construções sintéticas que se relacionam a frases analíticas com verbos de movimento, os quais se fazem acompanhar de um argumento que especifica a Meta, a Origem ou o Modo do movimento. Daí verbos derivados como: *aterrizar* ou *aterrissar*, *alunar* ou *alunissar* ou *alunizar*, *amerissar*; *trotear*, *desfilar*, *ziguezaguear*. Além das frases em (38) e (39), que exemplificam respectivamente as construções com Meta e com Origem, segue o exemplo abaixo, que ilustra a construção com Modo:

- (42) a. O animal ia a galope.  
b. O animal galopava.

Enfim, o terceiro grupo é constituído pelas intransitivas que se relacionam a frases analíticas com verbos estativos, acompanhados de um argumento que especifica o modo de uma situação ou estado. Poucos são os verbos deste grupo, do qual destacamos *agonizar*, *apaixonar-se*, *envergonhar-se*. Caracteristicamente são verbos de sujeito Experienciador. Além do exemplo (36), cf. abaixo:

- (43) a. O menino [ ficou com vergonha ] .  
teve vergonha  
b. O menino envergonhou-se.

Em todos os casos de formação de frases intransitivas, a derivação denominal se opera sobre o argumento do predicado, exatamente aquele que mantém mais estreita relação com o verbo base.

Sem dúvida, maior variação e complexidade se vai encontrar nas construções sintéticas transitivas, já que estas normalmente derivam de construções analíticas com três argumentos. Como consequência, à medida que um ou outro dos nominais do predicado analítico passa a predicador da frase sintética, pode haver alteração funcional do argumento restante quando da derivação denominal. Um exame detido dos exemplos de (26) a (35), apresentados de início, permite explicitar o problema.

Atentemos inicialmente para as frases em que não há coincidência entre Objetos Diretos da sintética e da analítica. Isso ocorre nas frases (26), (27), (30), (31) e (34), ou seja, as frases dos verbos *abençoar*, *descascar*, *asfixiar*, *caricaturar* e *tampar*, parafraseáveis respectivamente em *dar a bênção*, *tirar a casca*, *causar asfixia*, *fazer a caricatura* e *pôr a tampa*. Ora, é fácil perceber que se trata do próprio Objeto Direto da frase analítica, função semântica de Objetivo, que é incorporado ao predicador da sintética, deslocando o outro argumento, que exerce os papéis de Beneficiário ou Origem ou Meta, para a função de Objeto Direto da frase sintética derivada. Como consequência, é possível separar esses verbos denominais de diferentes grupos, de acordo com o papel semântico do Objeto Direto derivado. Ou seja, simbolizando por  $V_{ob}$  esses verbos que apresentam o argumento com a função de Objetivo encaixado, pode-se pensar em classes de predicação como  $[V_{ob} + Be]$  (*abençoar*, *alimentar*, *asfixiar*),  $[V_{ob} + Or]$  (*descascar*, *caricaturar*, *esfolar*, *fotografar*, *fotocopiar*);  $[V_{ob} + Me]$  (*tampar*, *emoldurar*, *atapetar*, *aguar*)\*.

\* Para facilitar a leitura das fórmulas de construção, indicamos aqui os símbolos ou abreviaturas das categorias e funções semânticas:

V = Verbo	Me = Meta
Ob = Objetivo	Ag = Agentivo
Be = Beneficiário	Ex = Experienciador
Or = Origem	In = Instrumento

Vejam agora as frases em que há coincidência entre os Objetos Diretos da sintética e da analítica, o que ocorre nas frases (28), (32), (33) e (35), ou seja, nas frases dos verbos *canalizar*, *torturar*, *abodegar*, *enlatar* e *parafusar*, parafraseáveis respectivamente em *prover de canal*, *submeter à tortura*, *transformar em bodega*, *pôr em lata* e *prender com parafuso*. Nelas são de diversa natureza os papéis semânticos dos argumentos encaixados no predicador da frase derivada. Assim, em (28) e (29), *canal* e *tortura* são ambos de função semântica Objetivo, combinados respectivamente com Meta e Experienciador; em (32) e (33), *bodega* e *lata* são ambos Meta, combinados com Objetivo; enfim, em (35), *com parafuso* é de função Instrumental, combinado com Objetivo. Portanto, voltamos a ter aqui derivação denominativa a partir do Objetivo, como temos também a partir de Meta e de Instrumento. Daí as seguintes classes de predicação: [V<sub>ob</sub> + Me], com verbos como *canalizar*, *motorizar*, *ferrar*, *engessar*, *envidraçar*; [V<sub>ob</sub> + Ex], com verbos como *torturar*, *caluniar*, *examinar*, *martirizar*, *psicanalisar*; [V<sub>Me</sub> + Ob], com verbos como *abodegar*, *enlatar*, *engarrafar*, *colonizar*, *carbonizar*, *empacotar*, *ensacar*, *embolsar*; enfim, [V<sub>In</sub> + Ob], com verbos como *parafusar*, *afivelar*, *abotoar*, *tesourar*, *aplinar*, *arrolhar*.

A breve análise até aqui conduzida permite estender algumas considerações. Primeiramente, observamos o aparecimento de estruturas funcionais profundas, idênticas, relativas a diferentes estruturas de superfície. Isso se deu com a estrutura [V<sub>Ob</sub> + Me], referente a verbos como *tampar* e *canalizar*. Parece-nos que tal fato é devido ao verbo base da frase analítica, já que a cada um deles pode corresponder um determinado tipo de reação. Há mesmo frases em que é possível uma ou outra parafrase, determinando, pois, diferentes estruturas de superfície. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (44) a1. O médico deu a anestesia no paciente.  
a2. O médico submeteu o paciente à anestesia.  
b. O médico anestesiou o paciente.
- (45) a1. O galã fazia a corte às fãs.  
a2. O galã expunha as fãs à corte.  
b. O galã cortejava as fãs.
- (46) a1. Os portugueses fizeram desta terra uma colônia.  
a2. Os portugueses transformaram esta terra em colônia.  
b. Os portugueses colonizaram esta terra.

Não obstante as diferenças funcionais em estrutura de superfície entre *a1* e *a2*, a estrutura funcional profunda é a mesma em cada conjunto.

Em segundo lugar, há a considerar que um mesmo verbo básico não acarreta necessariamente uma mesma estrutura funcional profunda aos diferentes verbos denominativos e a ele relacionados. A esse título são ilustrativos os exemplos (25) e (31), com os verbos *gesticular* e *caricaturar*, cujas parafrases analíticas remetem a um argumento e dois argumentos na predicação, respectivamente. Por outro lado, um mesmo verbo base pode acarretar diferentes derivações denominativas, como mostraram as frases (33) e (34), com *pôr*, e que voltamos a exemplificar com as frases abaixo:

- (47) a. O comerciante pôs os produtos no pacote.  
 b. O comerciante empacotou os produtos.
- (48) a. O artista pôs a moldura no quadro.  
 b. O artista emoldurou o quadro.

Tal se deve, como já assinalamos, ao fato de podermos ter, em tais tipos de estruturas, a denominação a partir do argumento Meta ou do argumento Objetivo, embora não de forma alternativa numa mesma frase analítica com esses argumentos.

Cabem, enfim, algumas considerações sobre as estruturas em que a derivação se dá a partir do argumento Instrumental. Não há, aqui, como estabelecer aquele mesmo número de verbos-base que entram nas paráfrases analíticas. Neste tipo específico de derivação, são muitos e variados os verbos, como *prender*, *bater*, *ferir*, *limpar*, *cortar*, *destruir*, *transmitir*, *medir*, normalmente determinados pela própria natureza semântica do instrumento. Conseqüentemente, as frases sintéticas com Instrumento encaixado no predicador não podem reduzir-se ao tipo  $[V_{In} + Ob]$ , acima descrito. Estruturas do tipo  $[V_{In} + Ex]$  e  $[V_{In} + Me]$  também se realizam, conforme atestam os exemplos abaixo:

- (49) a. Os coronéis batiam nos escravos com o açoite.  
 b. Os coronéis açoitavam os escravos.
- (50) a. A empregada limpou a sala com a vassoura.  
 b. A empregada vassourou a sala.

---

ARRAIS, T. C. – Sentence structures with recessive predication in portuguese.

*ABSTRACT: Recessivity is understood as a feature that lead the sentence to lose an argument. A division of recessive constructions is proposed, different from that by Tesnière, considering a larger variety of processes, namely: the recessivity by pronominalization, the recessivity by intransitivation, and the recessivity by lexicalization.*

*KEY-WORDS: Recessivity; intransitivation; pronominalization; reflexivity; lexicalization; semantic function.*

---

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FAUCONNIER, G. – *La coréférence: syntaxe ou sémantique?* Paris, Éditions du Seuil, 1974.
2. FILLMORE, C. J. – The case for case. In Emmon Bach & Robert Harms, eds., *Universals in Linguistic Theory*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1968. p. 1-88.
3. TESNIÈRE, L. – *Éléments de syntaxe structurale*. Paris Klincksieck, 1966.